

## As disputas simbólicas entre Aragarças (GO) e Barra do Garças (MT) no contexto da Marcha para o Oeste

### The symbolic disputes between Aragarças (GO) and Barra do Garças (MT) in the context of the West March

Maria de Fátima Oliveira\*

Bruna Alves da Silva\*\*

#### Resumo

Esse artigo analisa as mudanças ocorridas nas relações sociais entre os moradores de duas cidades beira rio, Aragarças (GO) e Barra do Garças (MT). Diferente dos primeiros tempos em que a relação entre os núcleos urbanos de Barra Goiana e Barra Cuiabana – nomes de origem das duas cidades – era amistosa e havia o compartilhamento de um passado comum, esta se transmutou em um palco de disputas simbólicas e identitárias a partir da década de 1960. A busca por prestígio social, econômico e político propiciou a construção de um novo ordenamento representativo e identitário. O discurso progressista a partir dos programas desenvolvimentistas do governo na região operou uma mudança que alterou o modo de ver e representar o outro, transformando em distinção a similitude que havia entre os dois núcleos urbanos.

**Palavras-Chave:** Disputas simbólicas, Identidade, Distinção.

#### Abstract

This article analyzes the changes in social relations between residents of two riverside cities, Aragarças (GO) and Barra do Garças (MT). Oposed to early days when the relationship between the urban centers of Barra Goiana and Barra Cuiabana - names of origin of both cities - was friendly and there was a common past shared, it was transformed into a stage of symbolic and identity disputes from the 1960s. The search for social, economic and political prestige led to the construction of a new representative and identity order. The progressive discourse based on the government's developmental programs in the region brought about a change that altered the way of seeing and representing the

---

\* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora do Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: proffatima@hotmail.com

\*\* Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: brunalvesilva1@gmail.com

other, changing in distinction the similarity that existed between the two urban centers.

**Keywords:** Symbolic disputes, Identity, Distinction.

## Introdução

A formação das cidades de Aragarças (GO) e Barra do Garças (MT), antes Barra Goiana e Barra Cuiabana respectivamente, não encontrou na divisa geográfica um empecilho para compartilharem suas origens na exploração garimpeira. Quando os rios faziam a fronteira marcante, obstáculo natural a ser transposto diariamente, os dois povoados ancoravam-se na cooperação e no anseio do encontro da riqueza disposta nos leitos dos rios Araguaia e Garças. A unidade identitária marcante era a do garimpeiro, a maioria migrante, sôfrego e afugentado pela seca e fome no nordeste ou da exploração desumana nos seringais da Amazônia.

O contorno garimpeiro, compartilhado pelos moradores de Barra Goiana e Barra Cuiabana confere-lhes similaridades, pois os grupos sociais constroem representações e faces identitárias uniformes. “Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento”.<sup>1</sup> Assim, o mundo do garimpo proporcionou a configuração de representações sociais semelhantes entre goianos e mato-grossenses, pois ainda não cabia a diferenciação, as equações de divisão de poder, *status* e distinção. O olhar sobre a margem esquerda refletia a margem direita do rio Araguaia, o reconhecimento do “meu mundo” no *outro* possibilitava a união da fronteira geográfica. Foram as mudanças culturais, a partir de 1943, as transformações de caráter econômico e social, após 1967, que abriram espaço para o distanciamento sociocultural entre aragarcenses e barragarcenses.

## De Barra Goiana à Aragarças

Barra Goiana teve sua narrativa histórica modificada drasticamente a partir do momento em que foi inserida em um projeto de integração nacional maior que sua formação garimpeira. O simbolismo dessa ação integradora

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil - Uruguai - Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 36.

despertou na elite aragarcense a vontade de encobrir e renegar o embrião cidadão ligado a exploração garimpeira frente a representação da “cidade planejada” e base da modernização do sertão.

A partir de 1940, com a eclosão da II Guerra Mundial, o presidente Getúlio Vargas passou a demonstrar intensa preocupação com os *espaços vazios*, grandes áreas de pouca densidade populacional, sem os desenvolvimentos do progresso e da “civilidade” nos moldes capitalistas. Para integrar e povoar esses vazios foi criado o *Programa Marcha para o Oeste*,<sup>2</sup> uma espécie de novo bandeirantismo: o objetivo era colonizar e povoar os sertões e rincões brasileiros isolados e abandonados à própria sorte, sem as diretrizes vitais dos ideais de progresso e de civilidade.

Carece explanar sobre o cenário ideológico que vigorava no Brasil e no mundo nas primeiras décadas do século XX, que fizeram com que os ideais de progresso e civilidade entrassem no rol dos desejos de primeira necessidade para nações autônomas e independentes. O Brasil ainda estava às voltas com o projeto de “fazer-se Nação”, no entanto, seguia como se já fosse. Elucidemos, tomando de empréstimo a fecunda explicação da historiadora Lyllia da Silva Guedes Galetti,<sup>3</sup> que desenvolveu sua tese em torno da representação do estado de Mato Grosso no contexto da formação do “Brasil civilizado”. A autora parte do pressuposto de que a formação da identidade das nações da América Latina teve como modelo as formações nacionais europeias e norte americana, ou seja, o ideal eurocêntrico e os modelos de organização do poder, sociedade e cultura que eram emanados por elas. Dessa forma, os países que não estivessem dentro desses parâmetros ainda não haviam se constituído nação.

Na ótica ocidental, ser uma nação, em oposição a ser uma colônia, uma tribo primitiva ou um aglomerado amorfo de populações sem história, sem escrita, sem cultura, sem o poder de se autodeterminar e de ser aceito no concerto das nações existentes, as ocidentais, exigia requisitos bem definidos.<sup>4</sup>

Assim, uma nação constituída poderia então, partir para a colonização dos *espaços vazios* existentes no globo, como na visão eurocêntrica, almejada pela “luz da civilização”, exemplificadas pela dominação colonial Inglesa,

---

<sup>2</sup> DUTRA E SILVA, Sandro. *No Oeste, a terra e o céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017, p. 55. Segundo o autor, a Marcha para Oeste foi um “programa do governo federal para migração e colonização do Oeste brasileiro, com políticas de doação de terras, pacificação indígena, implementação de colônias agrícolas nacionais, entre outras medidas”.

<sup>3</sup> GALETTI, Lyllia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: Entrelinhas: Ed. UFMT, 2012.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 25.

Francesa e Belga dentre outras nações europeias, na África e Ásia. Por fim, o ideal do “destino manifesto” levado a cabo pelos norte-americanos no seu projeto de expansão territorial na América.

Observemos que a expansão territorial europeia e norte-americana compreendeu o conceito de fronteira de maneiras diferentes uma vez que, “na concepção europeia, o termo fronteira estava relacionado às linhas divisórias que separam diferentes territórios e Estados nacionais”.<sup>5</sup> Já nos Estados Unidos, de acordo com Turner,<sup>6</sup> a fronteira era interna e constituiu-se nos espaços “vazios” do próprio território, ambientes convidativos, sítios de bonança e esperança, local de fortalecimento do sentimento de nação e do individualismo republicano.

No Brasil a fronteira também é interna, representada pelos espaços despovoados: o *sertão*. Este era visto numa perspectiva diferente da norte-americana, pois “para os brasileiros o sertão era um espaço escuro, desconhecido e perigoso, sem Deus, sociedade e Estado”.<sup>7</sup>

Para Galleti,<sup>8</sup> o *hinterland* brasileiro constitui-se no “outro geográfico”; um território interno, longe dos auspícios do progresso e da civilização representado pelo litoral, cidades firmadas e projetadas pelo progresso, a ciência e a razão – em especial Rio de Janeiro após a reforma de Pereira Passos, em 1922. Cabia, portanto, à elite letrada e culta que buscava a consolidação racional da nação, a tomada e o controle desse vazio, pois o país buscava afirmar-se enquanto nação.

Nos países recém-saídos da condição colonial a situação era diferente. A conquista e a dominação do outro geográfico, ao contrário do que ocorria nos países do Ocidente europeu e mesmo nos Estados Unidos, não eram percebidos como o resultado de um processo civilizatório que atingia seu ápice e sim como uma etapa deste processo, que se confundia com o da própria constituição da nação.<sup>9</sup>

João Marcelo Ehlert Maia,<sup>10</sup> fez instigante análise de como o Estado brasileiro pensou, compreendeu e tentou delimitar, ocupar e povoar o “Brasil

<sup>5</sup> DUTRA E SILVA, op. cit., p. 22.

<sup>6</sup> TURNER, J. Frederick. *The Frontier in American History*, 1894, p. 119-127. In: [https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/s3-euw1-ap-pe-ws4-cws-documents.ri-prod/9781138824287/ch2/2.\\_Frederick\\_J.\\_Turner,\\_The\\_Frontier\\_in\\_American\\_History,\\_1893.pdf](https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/s3-euw1-ap-pe-ws4-cws-documents.ri-prod/9781138824287/ch2/2._Frederick_J._Turner,_The_Frontier_in_American_History,_1893.pdf). Acesso em 10/08/2019.

<sup>7</sup> MACCREEDY, Apud DUTRA E SILVA, op. cit., p. 23.

<sup>8</sup> GALETTI, op. cit., p. 29.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>10</sup> MAIA, João Marcelo Ehlert. *Estado, território e imaginação espacial - o caso da Fundação Brasil Central*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

Central”, ou seja, o *Oeste*. O autor ressalta que as conjunturas ideológicas e políticas que resultaram na criação do Programa *Marcha para o Oeste* já constavam nas pautas governamentais desde os primeiros anos da República. Tal programa concretizou-se em 1939, com o seu lançamento por Getúlio Vargas, consolidando os anseios governamentais em promover a racionalidade e a civilização no *Oeste* brasileiro. O oeste era assim compreendido como um local de limites territoriais indefinidos, abrigo de gente nômade e de vida social amorfa (horrenda), e foi tomado como um espaço que carecia de organização estratégica para ser domado pela racionalização da ação estatal. Ainda segundo o autor, o Brasil Central foi visto como o “outro” dentro do Estado Nação, um território que precisava ser incluído no projeto civilizatório de maneira a eliminar a péssima imagem adquirida através dos vários relatos de viagens que foram produzidos acerca da região desde o século XIX – como o dos sanitaristas da Fundação Oswaldo Cruz, que percorreram, já na primeira década do século XX, localidades na Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás – que contribuíram para “projetar um retrato negativo da região, tida como espaço marcado pela insalubridade, doença e pobreza”.<sup>11</sup>

Nesse sentido Sandro Dutra e Silva,<sup>12</sup> esclarece que o conceito de *Oeste* foi uma invenção do Estado Novo (1937-1945) para delimitar o espaço territorial de toda uma região que antes era classificada como *sertão*, como um espaço longínquo, inóspito à “civilização”. Para suplantar tal imagem o governo se empenhou em – através do discurso carismático do próprio Vargas e de obras literárias como as de Cassiano Ricardo, constituir uma representação sobre o *Oeste* como o espaço da promessa, um espaço de oportunidades e onde o progresso e a modernização dariam a tônica ao desenvolvimento do país. Assim, de acordo com Dutra e Silva,<sup>13</sup> o *Oeste* passara a ser um de território “próspero”, o “eldorado”, a “terra da provisão”, e, portanto, espaço propício para a constituição da Nação.

Desse modo, aqueles que se empenharam na tarefa de “civilizar” e racionalizar o *Oeste* foram tomados pelo sentimento de aventura, no sentido mais romântico do conceito, de bravos e destemidos “bandeirantes”, que tomaram para si a tarefa de “libertar” os infaustos moradores do *sertão* do julgo da ruína, ignorância e degradação na qual se encontravam, “personagens passivos à espera de uma redenção civilizatória”.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>12</sup> DUTRA E SILVA, op. cit., p. 55.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>14</sup> MAIA, op. cit., p. 110.

Uma das principais ações desse “projeto de redenção” se deu em 3 de junho de 1943, com a portaria nº 77, que instituiu a Expedição Roncador-Xingu (ERX), cujas metas principais eram: criar vias de comunicação que interligassem o Sul e Sudeste ao Amazonas através do interior e explorar e povoar o desconhecido Centro-Oeste. Organizada pelo Ministro da Integração Nacional, João Alberto Lins de Barros e executada pelo coronel Flaviano de Matos Vanique, “[...] a ERX inscreve-se, portanto, nesse contexto histórico marcado por uma forte expansão do poder estatal sobre o território brasileiro”.<sup>15</sup>

De início a expedição partiria de Leopoldina, hoje Aruanã (GO), no entanto, o interventor do estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, intercede e pede para que o Sudoeste goiano seja o beneficiado com tal ação progressista, visto que Leopoldina era reduto eleitoral dos Caiado, família rival politicamente. Já no Sudoeste, encontravam-se aqueles que o apoiavam com mais candura.

Desta forma, o vilarejo de Barra Goiana entra nos cálculos da Expedição Roncador-Xingu. A princípio os primeiros expedicionários se alojaram na vizinha, Barra Cuiabana, posteriormente, quando da edificação da base de apoio propriamente dita é que se transferiram para o lado goiano, dando continuidade a construção de toda a infraestrutura necessária para receber a segunda leva expedicionária que chegaria assim que as vias de acesso fossem constituídas.

Os expedicionários chegaram a Barra Goiana no dia 14 de agosto de 1943. Em outubro do mesmo ano o Governo Federal institui uma nova entidade, a Fundação Brasil Central (FBC), cuja “[...] primeira atribuição recebida foi [...] proporcionar condições, de toda ordem, para a execução da tarefa a cargo da Expedição Roncador-Xingu”.<sup>16</sup> Os expedicionários, passando a funcionários federais gozam de novas prerrogativas e respondendo diretamente à Presidência da República, deram continuidade ao projeto de modernização do Oeste, compreendida por estes como experiência heroica e devotada ao engrandecimento da Nação.

Nascia, assim, em plena guerra, um impulso expansionista, desta feita alentado pelo próprio Estado. Dois organismos foram criados pelo governo: primeiro, a Expedição Roncador-Xingu, com a atribuição específica de entrar em contato com os “brancos” das nossas cartas geográficas; o segundo, a Fundação Brasil Central, com a função definida de implantar núcleos populacionais nos pontos ideais marcados pela Expedição. O primeiro órgão era, assim, a vanguarda do segundo.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>16</sup> MACIEL, Dulce Portilho. “Estado e território no Centro-Oeste brasileiro (1943-1967). Fundação Brasil Central (FBC): a instituição e inserção regional no contexto sócio-cultural e econômico nacional”. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, julho/2011, p. 03.

<sup>17</sup> VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Cláudio. *A marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Globo, 1994, p. 24.

Assim, Barra Goiana, tímido e humilde povoado garimpeiro teve sua configuração cidadina modificada e transformada pela lógica expansionista do Estado Novo. O povoado que antes se constituía no “outro geográfico” mostrava que as ações do governo no intuito de colonizar esses *espaços vazios* estava obtendo sucesso visto que, a racionalidade progressista ali já chegara. O discurso ideológico trazido pelos expedicionários da FBC, qual seja, a racionalidade e o progresso, fixar-se-iam em Barra Goiana a partir do momento em que se abandonassem as incertezas da vida garimpeira para abraçarem as concretudes do progresso, exigindo que os moradores de Barra Goiana suprimissem seu passado, seus instintos itinerantes e pendidos a aventuras garimpeiras para ajustarem-se ao ideal racional e, teoricamente, comedido representado pela Fundação.

De acordo com Guimarães Neto,<sup>18</sup> mesmo nas cidades que surgiram em decorrência da mineração do diamante, o próprio garimpeiro é estigmatizado, sendo *dificultado* seu acesso nos locais e eventos culturais promovidos na urbe. Alargando dessa forma, nossa compreensão acerca do novo discurso experimentado por Barra Goiana com a chegada da Fundação Brasil Central, pois, o que passou a sustentar sua constituição cidadina não foi a exploração garimpeira e sim o discurso estatal implementado pelo programa *Marcha para o Oeste*.

Foi o ministro João Alberto Lins de Barros, primeiro presidente da FBC, que modificou o nome do povoado de Barra Goiana para Aragarças. A inspiração do nome veio da confluência dos rios Araguaia e Garças. Aragarças, localizada na “boca do sertão”, tornou-se a cidade base da FBC, o principal entreposto logístico do programa *Marcha para o Oeste*.

Está surgindo à margem do Araguaia, junto da confluência do Rio das Garças, uma cidade nova para o Brasil. O nome é expressivo na sua composição inteligente: um pouco de Araguaia e tudo de Garças... Num salto de avião fomos ver de perto como se cria em pleno e rústico sertão brasileiro um novo centro de vida, trabalho e riqueza. Goiânia assim também surgiu traçada e levantada no mesmo sertão de Goiás, onde agora Aragarças vai repontando [...].<sup>19</sup>

Na crônica divulgada no periódico *Correio da Manhã*, de 02 de setembro de 1945, o repórter Adalberto Ribeiro expõe com vigor os anseios progressistas

<sup>18</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais - Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá: Carline & Caniato; Ed. UFMT, 2006.

<sup>19</sup> RIBEIRO, Adalberto. “Aragarças”. In: *Correio da Manhã*, p. 31. ed. 15552 Rio de Janeiro, 15 de julho de 1945. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_05&pesq=aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194). Acesso em 12/08/2019.

dos governantes brasileiros quanto a capacidade integradora e civilizadora do programa *Marcha para o Oeste*, tendo na cidade de Aragarças a objetivação da racionalidade e do controle da natureza. Importante ressaltar que em 1945 Aragarças ainda não tinha sido elevada à categoria de município, ainda era distrito de Baliza. Apenas em 1951 recebeu o título de vila de Aragarças e, em 2 de outubro 1953, pela Lei Estadual nº 788, foi elevada à categoria de cidade, passando a ser município.<sup>20</sup> No entanto, um ideal e um projeto de nação, creditado pela imprensa “oficial” não reconhece entraves quando há possibilidades de enxertar ânimo civilizador aos compatriotas litorâneos, urgia inflar os anseios daqueles que em breve olhariam o sertão como um *Eldorado*.

Assim, a partir de 1943, com a implementação da Fundação Brasil Central, Aragarças desempenhou um papel bem mais significativo do que apenas o de entreposto logístico para o programa. Aragarças personificou o próprio discurso ideológico do governo, o de uma nação que se fazia pelo progresso, pela integração e pelo uso racional e o consciente de seus vazios, que iam tornando-se *lôcus* do progresso e do crescimento econômico da nação.

Os avanços tecnológicos introduzidos pela FBC que fariam de Aragarças a “futura metrópole do Araguaia”, foram exaltados pelo jornalista Buono Junior em um editorial para o jornal carioca:

Quando desembarquei do caminhão em Aragarças, não pude esconder a minha surpresa ao verificar o ambiente de conforto e estética que tem orientado aqueles serviços [...]. Aragarças dispõe ainda de um estaleiro em vias de acabamento e destinado à construção de embarcações ligeiras para a exploração comercial do Araguaia, uma olaria e vários campos agrícolas, cultivados dentro dos mais modernos princípios técnicos.<sup>21</sup>

É então dispendido a Aragarças um complexo projeto urbanístico incluindo além do plano diretor, a construção imediata do Hospital Getúlio Vargas, do aeroporto, do Grande Hotel, das casas de alvenaria para os funcionários da FBC, da olaria, de uma oficina de marcenaria, da caixa d'água e da Igreja Matriz católica. De acordo com Maciel,<sup>22</sup> “Pode-se presumir que grande parte da população regional tenha conhecido aviões antes do que automóveis, ou outros veículos automotores”, pois a partir daquela época, “aviões da FBC cruzavam incessantemente os céus do sudoeste goiano”.

<sup>20</sup> DINIZ, Zélia dos Santos. *Município de Aragarças*. 2ª ed. Aragarças: ALVCACO, 2016.

<sup>21</sup> BUONO JUNIOR, A. “Avança a Expedição Roncador-Xingu”. In: *A Noite*. ed.11868. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1945. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194). Acesso em 06/06/2019.

<sup>22</sup> MACIEL, Estado e território... op. cit., p. 12.

Tantos benefícios possibilitados pela técnica, ciência e uso racional do espaço, tempo e do trabalho, que não tardaram e se achegaram ao simbólico e às relações sociais, aquelas que remetem à distinção e ao prestígio de uma região, bem como daqueles indivíduos que a compõem como corpo social. Aragarças personificou o discurso ideológico nacionalista do governo Vargas, qual seja: um só corpo uma só nação, não havendo espaços para dissidências, pois aqueles que não eram a favor da expansão e colonização dos vazios e do Oeste, logo, da modernização do país, não faziam parte da nação brasileira, uma vez que “o sucesso dessas políticas, como já mencionado, estava no uso das imagens como dispositivo unificador, criando a ilusão coletiva de totalidade, pertencimento e ordenação”.<sup>23</sup>

A representação do garimpo e do garimpeiro – *aquela gente* – que causava receio aos expedicionários passou a fazer parte do corpo da Fundação, como novos expedicionários, tomando para si todo o aparato ideológico do progresso e da modernização do sertão. Os *novos bandeirantes*, que faziam questão de diferenciarem-se dos sertanejos, recrutados apenas pela força e resistência ao trabalho duro nos rincões do sertão, foram construindo novas representações da cidade e do corpo social, pois como observou Chartier,<sup>24</sup> na representação da realidade social sempre estão em jogo as relações de poder vivenciadas pelo grupo. Logo, os aragarcenses optaram pelo discurso que os posicionaram como expedicionários do progresso.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.<sup>25</sup>

A figura do novo bandeirante, o desbravador do *sertão*, o propulsor da conquista do *Oeste*, tendo como estandarte a razão e os ideais progressistas, adentrou o sertão não como um simples migrante, um garimpeiro, um errante, mas como um representante do Estado Nacional que “assume o papel de agente da colonização, apropriando-se do controle da ocupação e da reprodução das relações sociais nos espaços vazios, marcando, significativamente, o sentido social e político da imigração para o Oeste brasileiro”.<sup>26</sup> Foi com essa roupagem que os novos expedicionários da FBC se sentiram revestidos

<sup>23</sup> DUTRA E SILVA, op. cit., p.69.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>26</sup> DUTRA E SILVA, op. cit., p.64.

em Aragarças, verdadeiros agentes civilizadores do sertão. A cidade em si passou a constituir-se símbolo identitário de uma nova etapa na construção do sentido de nação.

Manuel Ferreira Lima Filho,<sup>27</sup> assim classifica os pioneiros expedicionários: “o ‘pioneiro’ dessa categoria equivale a ‘Bandeirante’, com o intuito principal de levar a bandeira da civilização. Sua missão é conquistar o sertão, amansar os indígenas, dominar as ‘feras’ [...]”.<sup>28</sup> A simbiose identitária já se fazia presente com vigor, pois, “os pioneiros colonizadores [...] geralmente são nordestinos que, desencantados com o garimpo de diamantes, procuram os escritórios da FBC em Aragarças e Xavantina para serem ‘fixados’”.<sup>29</sup>

Desta forma, os pioneiros enxergaram-se como os executores dessas ações, aqueles que transformaram efetivamente as paisagens do Oeste, visto que, as construções materiais e simbólicas da cidade foram por eles erigidas, abarcando também a própria constituição identitária, fazendo-os introjetarem novos conceitos culturais, relegando a uma “amnésia estrutural” do período histórico anterior à Fundação Brasil Central, e tudo aquilo que os ligavam ao viver sertanejo e ao garimpo.

As feições da cidade iam tomando formas devido às edificações da Fundação Brasil Central, como a olaria, as oficinas, o aeroporto, o hotel, o hospital, estes dois últimos denominados “Getúlio Vargas”, e as casas dos funcionários da Fundação Brasil Central. À medida que estas construções aconteciam, os funcionários da Fundação Brasil Central introjetavam os conceitos arbitrários e suasórias de civilização e do desenvolvimento social. Por isso, os pioneiros consideram a cidade um reflexo de sua imagem e semelhança, quando dizem com orgulho que a cidade era “militar e federal”, um espaço especial “encantado pela Fundação”.<sup>30</sup>

Aragarças, por ter sido escolhida como base para instalação de todos os aparatos da FBC, símbolo do progresso e da modernidade no sertão, gozara de grande prestígio político e social, bem como seus moradores sustentaram *status* de distinção, em especial os “fichados” na FBC, por sentirem-se representantes das ações que promoviam o desenvolvimento de toda a região do Vale do Araguaia.

<sup>27</sup> LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *O desencanto do Oeste*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>30</sup> LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Aragarças: a cidade encantada no sertão de Goiás. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 65-87, jun. 2000, p.71.

## De Barra Cuiabana à Barra do Garças

Sem nenhuma ressalva ou mesmo quizilas a vizinha, Barra Cuiabana, delimita sua constituição histórica em dois momentos: o primeiro, assim como a vizinha Aragarças, o garimpo, o segundo, concretizando seu crescimento e expansão, a atuação da Fundação Brasil Central. Num primeiro momento, compreendido entre 1940 a 1960, os moradores de Barra Cuiabana parece não identificarem os mecanismos de distinção construídos e impostos por Aragarças, pois os investimentos e, principalmente o poder ideológico do discurso da modernidade e do progresso no *Oeste* foram tão eloquentes que conseguiram atravessar os rios Garças e Araguaia, constituindo-se balsa de ligação entre Aragarças e Barra Cuiabana, visto que, o crescimento econômico, político e populacional desta fora creditado à atuação da FBC.

No segundo período, vemos a região do oeste goiano e leste mato-grossense viverem das expensas da Fundação Brasil Central, que, criada pelo ministro João Alberto, instalada em Aragarças em agosto de 1943, dominou econômica e politicamente o Brasil Central, trazendo um afluxo de progresso e melhoramento à região, importando novos costumes e até mesmo uma civilização aprimorada, inspirada nos grandes centros, através de gestos, vestimentas e da vida sócio-recreativa.<sup>31</sup>

Os barragarcenses compreendiam as transformações econômicas, sociais e culturais como ações próprias da modernização e do progresso personificadas pela chegada da FBC, ou seja, concebiam estas mudanças como sinal do investimento do Governo Federal em toda a região Central do país. Já os expedicionários aragarcenses enxergavam os benefícios direcionados à cidade de Aragarças, “a cidade encantada do sertão”, e percebiam que sobravam à Barra Cuiabana, apenas as sobejas.

Como neste momento a FBC havia determinado o plano urbanístico, delimitando a localidade da construção das casas em Aragarças, fora a vez de Barra Cuiabana abrigar os vários migrantes que se achegavam na região. Chamamos a atenção para o fato de que nesta nova etapa do programa governamental os migrantes eram aguardados, esperados, com certa ansiedade, pois seriam as massas migrantes, já previamente doutrinados pelo discurso do “corpo unificado”, em que todos tinham uma função a desempenhar na consolidação da nação, que povoariam o *Oeste*: trabalhadores ordeiros e submissos às regras governamentais de trabalho e ocupação da terra.

<sup>31</sup> VARJÃO, Valdon. *Barra do Garças: migalhas de sua história*. Brasília: Senado Federal, 1985, p. 97.

Por este motivo, Barra Cuiabana experimentara acelerado crescimento populacional e político. Tal crescimento foi tão expressivo que o então prefeito do município de Araguaiana, Antônio Paulo da Costa Bilégo, do qual Barra Cuiabana era distrito, resolve transferir a sede administrativa do município para a renomeada Barra do Garças, em setembro de 1948. Em novembro de 1949, Barra do Garças é elevada a categoria de município pelo decreto nº 799, confirmando o crescimento e expansão resultantes da atuação da Fundação Brasil Central na região do Vale do Araguaia.

Foi a fase mais lembrada e até saudosa que Barra do Garças viveu, pois conseguiu suplantar grandes municípios que lideravam a economia regional, ultrapassando Balisa, Lajeado, Rio Bonito, Iporá e outros que eram visados como centros polarizadores de ensino e economia. Foi nesse período que efetivou-se a transferência da sede do Município de Araguaiana para Barra do Garças, em 15 de setembro de 1948, e elevação a Comarca em 12 de novembro de 1949. Houve a criação de agências do Banco do Brasil e do Banco Financial, criação do primeiro Ginásio e do Instituto Madre Marta Cerutti – Escola Normal. Desta forma, nesse período, foi implantada a fase mais importante para sobrevivência da cidade, que passou a liderar os municípios satélites.<sup>32</sup>

Observa-se que os memorialistas de Barra do Garças admitem que “as realizações da Fundação Brasil Central, motivaram o progresso de Barra do Garças, até então em processo lento”,<sup>33</sup> possibilitando a emancipação administrativa do município bastante adiantado em relação a emancipação da vizinha Aragarças, que só ocorreu em 02 de outubro de 1953, pela Lei Estadual nº 788, também resultante das ações desenvolvidas pela FBC.

Logo, os dois povoados experimentaram origens, fixação, expansão e crescimento uníssonos entre as décadas de 1920 a 1950, tendo como marco o garimpo. Gênese que configurou os núcleos citadinos e a atuação da Fundação Brasil Central que propiciou a expansão e a reorganização ideológica, simbólica e econômica tanto em Aragarças como em Barra do Garças.

Desta forma, sendo Aragarças a significação do progresso no *Oeste*, recebera maiores favorecimentos, investimentos e estima por parte da FBC, tendo mesmo sua organização espacial planejada e executada no intuito de demonstrar efetivamente os lances progressistas usados para transformar os ermos do *Oeste* brasileiro.

Aragarças e Barra do Garças, nas duas primeiras décadas de atuação da FBC no Vale do Araguaia, mantiveram uma dependência mútua, pois os

<sup>32</sup> VARJÃO, op. cit., p.97.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 97.

investimentos federais trazidos pela FBC – a instalação do aeroporto e da linha de comunicação rápida com o Sudoeste do país, ou seja, com a *parte civilizada* – propiciaram aos imêores habitantes do Oeste proximidade e acesso aos bens simbólicos e materiais que o progresso e a ciência já proporcionavam àqueles que residiam nas franjas litorâneas – atendimento hospitalar, remédios, acesso periódico a jornais e revistas, dentre outras ações que modificaram a percepção que os aragarcenses tinham de si e dos vizinhos.

Na outra margem Barra do Garças despontava como polo comercial recebendo os sobejos das ações que não poderiam ser empreendidas em Aragarças que, por ser um núcleo citadino militar, possuía regras e delimitações a serem seguidas, contribuindo com a expansão econômica, política e social de toda a região. Assim, Barra e Aragarças vivenciaram um modelo de amálgama involuntária, quando as duas cidades compreenderam que já se instaurara uma diferenciação espacial e normativa, mas que ainda não as distanciavam das relações compartilhadas no princípio, devido ao compartilhamento fluvial e das interdependências econômicas benéficas aos dois municípios.

A proximidade entre os dois núcleos urbanos, em decorrência da construção da ponte trouxe os embates representativos para o palco das discussões acerca das relações simbólicas, sociais e econômicas a partir da materialidade do emblema unificador que se constitui na ponte de concreto, lançada nos vãos dos rios Garças e Araguaia. Assim, a consubstanciação representada pelos rios se rompe com a presença da ponte João Alberto Lins de Barros.

### **Sobre o vazio dos rios desfere o traço da ponte: identidades fluídas.**

O amadurecimento administrativo de Aragarças, sob a gerência da Fundação Brasil Central, alcançou seu ápice na década de 1950, com a inauguração das construções arquitetônicas que demonstravam a efetiva ação modernizadora no sertão: o aeroporto, o hospital, o hotel, o pleno funcionamento da olaria, da selaria e a produtividade da horta implementada pelos expedicionários, cujos produtos já eram apreciados pelo presidente Getúlio Vargas – mamões de 15 quilos foram enviados para o Catete como demonstração da produtividade aragarcense,

Base de Aragarças já não existe. Onde ontem estavam as choças dos garimpeiros, ergue-se hoje a cidade de Aragarças... Hoje, ela tem eletricidade, campo de aviação, olaria de onde saem os tijolos, as manilhas e as telhas da novel cidade,

além de uma serraria que em breve atenderá não só Aragarças como todas as regiões circunvizinhas.<sup>34</sup>

Desta forma, a base de apoio dos expedicionários transformou-se naquilo que Barros<sup>35</sup> classifica como uma *cidade prática*, “cidades que crescem e se desenvolvem conforme as suas necessidades materiais, à medida que novas partes são acrescentadas e que as velhas partes são alteradas”. Ou seja, uma cidade que nasceu e se desenvolveu para atender as necessidades materiais de um discurso ideológico, o da *Marcha para o Oeste*, da integração nacional, de abrigo para a infraestrutura da Expedição Roncador-Xingu e base de apoio para a Fundação Brasil Central, ganha status de *urbe* moderna no sertão, com a experiência da modernidade no *Oeste*.<sup>36</sup>

Para o ordenamento das novas áreas urbanas o então presidente da FBC, Archimedes Pereira Lima, encomendou em 1951, a uma empresa sediada na cidade do Rio de Janeiro, a Urbs Construções e Urbanismo Ltda, o projeto urbanístico para a cidade de Aragarças. Tudo deveria ser projetado para que os empreendimentos particulares não destoassem dos ideais de urbanização pensados pela Fundação, “o projeto urbanístico e o código de obras tinham por objeto o ordenamento das edificações no perímetro urbano da cidade, sobretudo no concernente às edificações particulares, visto que havia uma grande demanda de terrenos urbanos para esta finalidade”.<sup>37</sup>

A transformação da base de apoio em cidade planejada e racionalizada pelas novas técnicas urbanísticas denotou singular importância para os projetos futuros, além de compreender uma transformação das áreas do antigo garimpo, localizadas próximas as margens do rio Araguaia, “o garimpo seria encapsulado pela modernidade da cidade de Aragarças, mas sem perder sua feição típica. A etnogênese de Aragarças foi o garimpo, que deveria evoluir aos patamares da civilização que a construção da cidade representava”.<sup>38</sup>

<sup>34</sup> A NOITE. “Aragarças”. ed. 12002. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1945. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194). Acesso em 06/06/2019.

<sup>35</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 23.

<sup>36</sup> LIMA FILHO, O desencanto... op. cit., p. 48

<sup>37</sup> MACIEL, Dulce Portilho. “Aragarças (1943-1968): a moderna urbe na rota para o oeste”. In: *Revista Plurais*. Anápolis, v. 1, n.4, 2006, p.14.

<sup>38</sup> LIMA FILHO, Aragarças... op. cit., p. 77.

**Ilustração 01:** Plano Diretor de Aragarças



Fonte<sup>39</sup>

A ideia de *cidade prática* vai ao encontro dos planos ideológicos do Estado Novo, isto é, da efetiva ocupação dos *espaços vazios* do Oeste brasileiro, na construção e consolidação do ideal de nação integrada. Os espaços antes ocupados por populações garimpeiras, formada por migrantes sertanejos, nortistas e nordestinos passaram a denotar o controle e a racionalidade da modernização efetuando uma transformação nos referenciais simbólicos, identitários e representativos daqueles que habitavam as modernas *urbes* no sertão. Desta forma, a ideia que os moradores da cidade de Aragarças teriam de si estava carregada com as representações simbólicas que construíram para a cidade, se vendo refletidos no espelho progressistas do discurso de dominação do sertão e do incerto garimpo.

<sup>39</sup> MACIEL, Aragarças (1943-1968)... op. cit., p. 19.

Interessante observar que o *hinterland* brasileiro, a partir de 1940, com a divulgação do programa *Marcha para o Oeste*, a instituição da Expedição Roncador/Xingu e da Fundação Brasil Central, passou a ser um local longínquo, mas não mais desconhecido. São vastas as publicações e reportagens especiais acerca da região, principalmente exaltando a bravura e a atuação dos “novos bandeirantes” da FBC que levavam a civilização até o *Oeste*. Os “modelos” de civilidade e progresso foram sendo noticiados e exaltados pelos principais órgãos da imprensa da capital federal. O *Jornal*, *A Notícia*, *O Paiz*, *A Noite* e a *Revista Cruzeiro*, são alguns dos veículos de informação que mais noticiaram as ações do Estado naquela região. De acordo com Luca,<sup>40</sup> é interessante que ao usarmos os jornais como fontes históricas tenhamos o cuidado de conhecer os responsáveis pelas publicações, localizando, quando possível, a posição política e social de sua linha editorial. Por exemplo, o *Jornal A Noite*, fundado em 18 de julho de 1911 por Irineu Marinho e as publicações *O Jornal*, fundado em 17 de junho de 1919, e a *Revista Cruzeiro*, fundada em 1928, por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, foram obrigadas, a partir de 1930, a “enquadrarem” seus editoriais aos ideais políticos e ideológicos do Governo de Getúlio Vargas.<sup>41</sup>

Os jornais serviram como veiculadores da propaganda estatal de “um só corpo, uma só nação”, sendo integrada a partir da ocupação racional do *Oeste*. Os aragarcenses não poderiam ficar imunes à nova referência identitária que foi, pontualmente, observada e louvada até mesmo pelo militar inglês Coronel Rhobes, que em viagem pelo interior do Brasil de 1941 a 1945, afirma em entrevista a um jornal carioca:

Enquanto a colonização primitiva era feita por homens intrépidos que se atiravam em busca de fortuna fácil – do Eldorado – na realização da Fundação Brasil o Eldorado será a consequência do trabalho consciente dos homens intrépidos do Brasil, estabelecendo em terras, distantes, no interior do território brasileiro, centros populosos dedicados à agricultura e à pecuária que em campo útil produzirão os seus frutos. Para a consecução desse fim, muito além dos antigos colonizadores vai a “bandeira” do Brasil atual, apoiada por outros meios de auxílio, proporcionados pelo progresso das ciências e indústrias.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> LUCA, Tânia Regina. “Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi. (orgs). 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>41</sup> BRASIL, Bruno. In: *A Noite*. Rio de Janeiro, 1911. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>. Acesso em: 06/06/2019.

<sup>42</sup> A NOITE. “Entrevista ao Coronel Rhobes”. ed. 11965. Rio de Janeiro, 6 de junho de 1945. [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194). Acesso em: 15/08/2019.

De acordo com suas considerações, é louvável o empenho da FBC em abrir estradas, lembrando-se dos “maiores construtores de estradas no mundo”, os Incas e Astecas, que segundo ele, são maiores que os Romanos. Ele enfatiza também que “transporte é civilização” e conclui: “Os trabalhadores que observei no “hinterland” brasileiro convenceram-me de que a Fundação Brasil Central está continuando essa grande tradição americana”.<sup>43</sup> Por meio de um depoimento colhido por Lima Filho,<sup>44</sup> o senhor Iraih José Marques, ex-expedicionário da FBC, podemos reconhecer o alcance dessa representação do *trabalhador herói*, “... eu falei que o pessoal da FBC, pouca gente sabia, era heróis anônimos. [...] não sabiam que foi o pessoal da Fundação que abriu essa estrada aqui para Xavantina de enxadão [...] não tinha máquina...”<sup>45</sup>

A cidade de Aragarças durante a década de 1950, ganha cada vez mais prestígio junto aos administradores da FBC, bem como do Governo Federal, que determina a construção da ponte<sup>46</sup> sobre os rios Garças e Araguaia, em 1951. A ponte proporcionaria maior comodidade no tráfego para a cidade vizinha, Barra do Garças, que até então era feito por balsas de madeira e pequenos barcos particulares, ligando a região Sudeste ao Norte do estado de Mato Grosso.

Como não há nenhuma outra ponte sobre o rio Araguaia, e também porque não se pode estar construindo, em futuro próximo, novas pontes, imperativo se tornou adotar as especificações do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem para as pontes de rodovias de primeira classe, ou em outras palavras, capaz de suportar um trem tipo de 50 toneladas.<sup>47</sup>

Os engenheiros Cassio Veiga de Sá e Imar Azevedo gerenciaram a construção da ponte com 100 trabalhadores, que segundo o jornalista Dymacau Potyguar<sup>48</sup> do jornal *Diário de Notícias*, de 23 de maio de 1954, não possuíam boas condições de trabalho. “Bem adversas são as condições de trabalho naquela

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> LIMA FILHO, *O desencanto...* op. cit., p.70.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>46</sup> A ponte João Alberto Lins de Barros, que inicialmente receberia o nome do presidente da FBC, Arquimedes Pereira Lima, foi iniciada em 19 de abril de 1953. A construção sobre o rio Araguaia possui 204 metros e a do rio Garças 150 metros de comprimento, 10 metros acima do nível do rio com 8 pilares de concreto foi projetada para suportar 100 toneladas. Custou 8 milhões de cruzeiros, segundo os engenheiros gastaria de 12 a 15 mil sacos de cimento e 200 toneladas de ferro. Projetada pelo escritório técnico de Emílio Baumgart, chefiado pelo professor Artur Geronann, da Escola Nacional de Engenharia (A Imprensa popular, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1957).

<sup>47</sup> POTYGUAR, Dymacau. “Aragarças – marco do Brasil Central”. In: *Diário de Notícias*. ed. 09677. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718\\_03&pesq=ponte%20sobre%20o%20rio%20araguaia&pasta=ano%20195](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&pesq=ponte%20sobre%20o%20rio%20araguaia&pasta=ano%20195). Acesso em 13/08/2019.

<sup>48</sup> Ibidem.

região. [...] E, justiça se faça àqueles trabalhadores – são uns abnegados, porque trabalhar nas condições em que trabalham, com um salário baixo, só mesmo muita boa vontade”. A publicação destacou um episódio que “mostrou a dedicação daqueles rudes e esquecidos trabalhadores”, de quando estes enfrentaram as correntezas do rio para protegerem as armações de madeira que eram usadas para colocação de concreto.

A publicação de *A Noite*, de 16 de junho de 1953, traz a notícia de que dois operários, João José do Nascimento e Leonardo da Silva, quase morreram asfixiados dentro dos tubulões de concreto armado quando a mangueira do motor responsável por sugar a água de dentro da estrutura estourou vazando grande quantidade de gás tóxico. Foram salvos pelos colegas, Felisberto Lacerda e Jorge Leonel, que os içaram: “O Sr. Arquimedes Pereira Lima, presidente da Fundação Brasil Central, cogita solicitar ao presidente da República a concessão da Medalha do Mérito para Felisberto Barcelos e Jorge Leonel.”<sup>49</sup>

O jornal *Imprensa popular*,<sup>50</sup> reporta a inauguração da ponte (já denominada de Ponte João Alberto) ressaltando que o evento contou com a presença do então presidente Juscelino Kubitschek, o governador de Goiás, José Ludovico de Almeida e João Ponce de Arruda, governador de Mato Grosso. Não seria a primeira vez que um presidente da República daria a graça de sua presença em solo aragarcense, o primeiro a visitar a cidade foi o idealizador do projeto, Getúlio Vargas, ainda na década de 1940. Na oportunidade, os ideais de modernização para o Oeste brasileiro foram reforçados pela imprensa nacional. No mesmo sentido, uma reportagem do jornal *A Noite*,<sup>51</sup> questiona: “O que é Aragarças?” seguindo de uma detalhada descrição da cidade, dando ao leitor a oportunidade de formular a mais otimista das respostas,

Há dois anos, Aragarças possuía apenas doze casas de palha. Hoje, além de uma população que se multiplica, há um marco de civilização. [...] Há um surto renovador de trabalho que se irradia por uma vasta zona graças a um plano organizado e aprovado pelo presidente Getúlio Vargas, para o fomento da produção nos mais variados setores de atividade. Aragarças foi escolhida

<sup>49</sup> A NOITE. ed. 14426. Rio de Janeiro, 16 de junho de 1953. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_05&pesq=aragar%C3%A7as&pasta=ano%20195](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_05&pesq=aragar%C3%A7as&pasta=ano%20195). Acesso em 18/08/2019.

<sup>50</sup> IMPRENSA POPULAR. “Com a presença do presidente da República, foi ontem inaugurada a ponte João Alberto”. In: *Imprensa Popular*, ed. 02309. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=108081&pesq=%20ponte%20sobre%20o%20rio%20Araguaia&pasta=ano%20195>. Acesso em 13/08/2019.

<sup>51</sup> A NOITE. “O que é Aragarças?” In: *Jornal A Noite*. Ed. 11982. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1945. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%20aragar%C3%A7as&pasta=ano%20194). Acesso em 14/07/2019.

como base central da Fundação, porque possui condições para o seu fácil engrandecimento e progresso.<sup>52</sup>

Com a inauguração da ponte João Alberto Lins de Barros, houve significativa modificação nas relações travadas entre os dois municípios até então marcadas pela proximidade, cooperação e similaridade. Pois, as relações identitárias propiciadas pelo discurso modernizador na construção da cidade de Aragarças, as novas relações trabalhistas surgidas com a implementação do escritório da Fundação Brasil Central, a ideia de um emprego fixo, “fichado” e a transmutação do garimpeiro a expedicionário, pioneiro da Marcha para Oeste, foram determinantes para que estes se compreendessem possuidores de maior prestígio social, de maior *status* e importância na organização simbólica local. A cidade era a experiência da modernização no sertão; seus moradores, os expedicionários originais e/ou “anexados”, sentiam-se como guardiões dos novos valores civilizados “lançados” pelas aeronaves na FAB, que os mantinham em confluência com os modismos da capital. A miríade do progresso, personificado na atuação da FBC, precipitou seus reflexos nas relações cotidianas dos aragarcenses com os vizinhos barra-garcenses, fazendo aqueles questionarem sua similaridade com estes, pois o ambiente simbólico vivenciado em Aragarças denotava maior importância, prestígio e poder.

**Ilustração 02:** Construção da ponte sobre os rios Araguaia e Garças.



**Fonte**<sup>53</sup>

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> MENEZES, Israel Parreira. Fotos Antigas de Barra do Garças, MT e Aragarças, GO. 2011. Disponível em: <http://profisraelxeuzao.blogspot.com/2011/11/antigas-de-barra-do-garcas-mt-e.html>. Acesso em 11/08/2019.

Deste modo, a constituição simbólica e o conjunto de representações coletivas, criadas e mantidas pelos moradores dos municípios da época da garimpagem, que lhes conferiam similaridade, sofreram abrupta mudança com a chegada de novo aporte simbólico que significou a Fundação Brasil Central. Visto que, a organização para as relações cotidianas eram aquelas próprias do ambiente do garimpo. Os anseios, os medos, e as sofridas abnegações impostas pela austera vida garimpeira proporcionaram unidade representativa e identitária aos moradores das duas margens, que não enxergavam a outra como o *outro*, mas sim como reflexo das ações reais e imaginárias vivenciadas do lado aragarcense. A construção imaginária, que produz coesão social e que permite ao sujeito se sentir pertencente ao todo, também pode ser relacional, pois de acordo com Pesavento,<sup>54</sup> ao mesmo tempo em que eu me percebo pertencente a um grupo eu percebo o *outro* como diferente do meu. Tal transmutação foi compreendida pelos moradores de Aragarças quando esses deixaram de se reconhecerem garimpeiros para se constituírem expedicionários, pioneiros e guardiões da modernização no Oeste.

Dali, das margens do Araguaia, onde está sendo erguida esta moderna cidade, marco imperecível dos destinos do Brasil, partirão muito em breve, segundo as pegadas heróicas de nossas bandeiras, verdadeiras vagas humanas que devassarão os revesos do país, levando ao fundo das florestas silenciosas a impulsão mística do ideal que anima os homens da Fundação Brasil Central: apagar definitivamente das cartas do Brasil [...] a lenda ignominiosa 'regiões desconhecidas' que constituiu um desafio e uma humilhação para os nossos foros de nação civilizada. [...] Daí o ter merecido a mais jovem cidade do Brasil as honras de um plano de urbanização como bem poucas cidades do país possuem igual.<sup>55</sup>

As exortações acima são do presidente da FBC, Archimedes Pereira Lima, quando da justificativa para a concepção e encomenda do Plano Urbanístico para Aragarças, suas palavras evidenciam a nova constituição identitária que demarcavam as relações simbólicas e representativas dos aragarcenses; Aragarças seria a heroica *urbes* a sediar as novas bandeiras que iriam retirar do obscurantismo incivilizado o *hinterland* brasileiro. Deste modo, os aragarcenses já não mais se compreendiam sendo *um outro*, muito menos sertanejos sôfregos a refugiarem-se das intempéries da vida migrante, enxergaram-se como propagadores da modernização, disseminadores de novas relações sociais, iluminadas pela civilidade e progresso. “Assim, se estabelece de princípio uma

<sup>54</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

<sup>55</sup> LIMA, Apud LIMA FILHO, *Aragarças...* op. cit., p. 74.

divisão entre expedicionários e servidores da Fundação Brasil Central, de um lado, contra os garimpeiros e o mundo de sertão de outro”.<sup>56</sup>

### Considerações Finais

A análise permitiu compreender como as relações uníssonas dos primeiros tempos dos núcleos populacionais de Barra Goiana e Barra Cuiabana evoluíram para um palco de disputas simbólicas e identitárias. A busca por distinção e por prestígio social, econômico e político propiciaram a construção de um novo ordenamento representativo e identitário, confirmando o alerta de Pesavento,<sup>57</sup> de que “[...] as identidades podem se dar ainda com relação a recortes temporais, quando se atribuem lógicas de sentido e pertencimento a momentos ou épocas precisos”.

O tempo da similaridade entre aragarcenses e barragarcenses esmoreceu. O garimpo que lhes conferiram representações simbólicas e identitárias comuns foi encapsulado pelo discurso progressista. Discurso tão forte que, por alguns anos, enublou as vistas dos barragarcenses que não enxergaram as relações de distinção impostas por seus vizinhos. A partir de 1967, as novas organizações governamentais contribuíram para que a solidez na representação distintiva de Aragarças se esvaísse, dando lugar a novos suportes ideológicos e econômicos que estabeleceu Barra do Garças como o novo portal desenvolvimentista do Brasil. Diante desse cenário, as relações de distinção, poder e representação foram alteradas e ressignificadas por aragarcenses e barragarcenses.

Artigo recebido para publicação em 22/11/2019  
Artigo aprovado para publicação em 29/05/2020

---

<sup>56</sup> LIMA FILHO, *Aragarças...* op. cit., p. 73.

<sup>57</sup> PESAVENTO, *História e História...* op. cit., p. 90.